

Lidija  
Dimkowska

# Vida Suplente

trecho de um romance

*Traduzido por*

*Nika Vremšak com colaboração de Américo Meira*



LITTERÆ  
SLOVENICÆ

*Slovenian Literary Magazine*

*Lidija Dimkowska: Vida Suplente*  
*Original title: Rezervno življenje*

© *Modrijan Publishing, 2014*

*Translation*  
Nika Vremšak, Américo Meira

*Proofreading*  
Mateja Rozman

*Design*  
Jakob Bekš for Studio Signum d. o. o.

*Layout*  
Ulčakar grafika d. o. o.

*Foreign rights*  
Modrijan Publishing

*Published by Slovene Writers' Association, Ljubljana*  
Dušan Merc, President

*Ljubljana 2021*

*<https://litteraeslovenicae.si/>*

*Protect me from what I want.*  
Jenny Holzer

*Todas as alusões a pessoas, eventos e acções são feitas por sua  
conta e risco.*

# 1984

Nessa tarde de junho, em frente ao nosso prédio nos arredores de Skopje, a Prata, a Rosa e eu estávamos a jogar um jogo novinho em folha: adivinhar o destino. A giz branco sobre o betão escaldante da rampa que conduz às garagens dos residentes, desenhávamos quadrados e escrevíamos neles a idade com a qual queríamos estar já casadas. Estou convencida de que chamávamos a atenção de alguns transeuntes e tenho a certeza de que os residentes, sentados nas varandas ou de pé às janelas abertas, estavam de olho em nós, pois conheciam muito bem a minha irmã e eu por sermos gémeas siamesas, com as nossas cabeças fundidas na têmpora, mesmo por cima da minha orelha esquerda e da direita dela. Infelizmente para nós e para vergonha dos nossos pais, nascemos assim. Tínhamos as duas cabelo castanho que cobria, ou pelo menos nisso acreditávamos, o lugar da união e à primeira vista parecíamos estar ajoelhadas com as nossas cabeças juntas, sob as quais estavam os nossos corpos, envoltos em vestidos leves sem alças e com um elástico no busto, o meu verde com flores amarelas pequeninas e o da minha irmã vermelho, com pontos azuis e brancos, livres. A minha irmã, a Prata, e eu, a Ouro, aos doze anos só podíamos ter vergonha dos nossos nomes. Quem poderia ter dado estes nomes a duas irmãs, Prata e Ouro? Duas raparigas já estigmatizadas pelo facto de as suas cabeças estarem unidas e não serem consideradas normais pelas pessoas que as rodeiam? Tais nomes são para idosas, para mulheres que limpam as escadas dos prédios, ou para vendedoras de batatas em frente à padaria. Quando reclamávamos repetidamente sobre os nossos nomes, a minha mãe encobria sempre as razões: «Foi isso que o padrinho quis. Ouro por causa da Santa Zlata<sup>1</sup> de Meglen e Prata

<sup>1</sup> NDT: No texto em esloveno as irmãs chamam-se Zlata e Srebra: Zlata significa ouro e srebrna prata em português.

por causa de uma certa Srebra Apostolova, que matou dois fugitivos em Lerin.» «Petas», era sempre o nosso comentário, uma das raras coisas que tínhamos em comum. Desde o nosso baptismo, o nosso padrinho nunca mais cruzou a soleira da nossa porta, como se tivesse sido engolido pela terra. Na realidade, ele foi à procura da boa vida na Austrália e apagou-nos do seu pensamento para sempre. «Ouro de couro, Prata de lata», picavam-nos as crianças do bairro; para além da Rosa e, por vezes, o Bogdan, ninguém brincava connosco. Alguns não estavam autorizados pelos pais a fazê-lo, para que não tivessem pesadelos «porque não são normais», enquanto que outros fugiam de nós por sua própria conta e atiravam-nos pedras, gritando «imbecis». A Rosa era a única que não tinha problemas com a nossa deficiência física, vivia no nosso prédio, no segundo andar, era um ano mais velha do que nós, tinha o cabelo preto encaracolado e tez mais escura, de estatura baixa, mas bastante robusta em comparação com as crianças de aspecto tão frágil que parece que serão levadas pela menor rajada de vento, de pernas magras, tez pálidas e olhos castanhos-esverdeados, como nós mesmas éramos, mas também havia as de aspecto saudável, musculosas, difíceis de carregar nos braços e de mãos firmes, como era a Rosa. Ela era muito determinada e a sua palavra era tão forte que nós aceitávamos sempre nas suas propostas. Foi assim no dia em que ela sugeriu que desenhassemos quadrados e escrevêssemos neles a idade com que gostaríamos de casar, por cima deles as iniciais dos nossos três candidatos ao casamento, por baixo os números, de um a três, de quantos filhos gostaríamos de ter, do lado esquerdo as iniciais dos estatutos financeiros (pobre, rico, milionário) e à direita as iniciais das três cidades onde gostaríamos de viver com os nossos maridos. O quadrado da Prata e o meu estavam ao lado um do outro, o da Rosa um pouco mais afastado. Depois contávamos os caracteres escritos, exactamente tantas vezes quanto o número escrito no centro do quadrado e no final fazíamos um círculo à volta daqueles em que calhávamos. O aspecto das nossas vidas de casadas algures no futuro parecia-se com isto:

A Rosa planeava casar dentro de oito anos, o que de qualquer das maneiras lhe parecia muito distante, aos vinte e um anos, como a sua mãe, casar-se-ia com um rapaz cujo nome começava por P, oh, que bom que depois dos cálculos dela, o candidato acabou por ser o Panait de Katerini, onde ela costumava ir com a família de férias todos os meses de julho, numa casa antiga com apartamentos, que ficava mesmo ao lado da catedral. O Panait vivia no pátio vizinho e era um rapaz simpático que, devido à Rosa, tinha aprendido algumas palavras macedónias, o suficiente para a sua tímida comunicação através de olhares, a jogar às escondidas e a nadar no mar. «Ui, nós vamos ser pobres», exclamou ela, porque lhe foi revelado que o Panait seria pobre, teriam um filho e viveriam em Solun, a cidade de que o Panait mais gostava no mundo, porque lá tinha nascido prematuramente, a sua vida foi salva lá, e era por isso que todos os anos ia a Solun com a família, fazer uma peregrinação à igreja de S. Dimitrij, para agradecer ao santo. «Só um filho», disse a Rosa com tristeza, porque imaginava que quando crescesse, teria um casamento feliz com o Panait, o seu acolhedor lar estaria repleto de crianças, ou pelo menos teriam duas, pois ela própria tem uma irmã três anos mais velha.

À Prata, que queria estar casada aos vinte e três anos, calhou um rapaz cujo nome começava pela letra D, embora na sua mente tal rapaz não existisse, escreveu-o apenas para ter três nomes masculinos. D seria rico, teriam dois filhos juntos («bom para ti!» exclamou Rosa) e viveriam numa cidade cujo nome começa pela letra L, «em Londres!» exclamei, puxando a cabeça dela e a minha um pouco para o lado, de surpresa. «Como em Londres? Nem sabes como é essa cidade! E é tão longe! Eu não quero viver em Londres! Como é que vais viver lá sem mim? Só estás a pensar em ti!» Sim, desde muito nova que pensava que a Prata só pensava em si mesma e que nem se importava que as nossas cabeças estivessem fundidas uma à outra, não podíamos ter as nossas próprias vidas, mas sim uma única vida, como se fôssemos uma personalidade em dois corpos semi-juntos. Tínhamos de fazer tudo juntas: comer, dormir, ir à casa de banho, sair, entrar, tudo. Já quando éramos pequenas e ela tinha de ir fazer chichi à noite, tirava os

cobertores rapidamente e saltava para fora da cama, o que significava que também me arrancava dos meus sonhos, sem qualquer consideração, e punha-me de pé, embora eu estivesse muito confusa e num estado entre o sono e o semi-sono. Na área onde as nossas cabeças estavam unidas havia uma dor tão forte que eu gritava de horror, mas a Prata já estava a correr, de dentes cerrados, arrastando-me para a sanita. Ali, enquanto uma se sentava na sanita, a outra também tinha de se agachar ou sentar-se e, na maior parte das vezes, cair sobre o caixote do lixo azul que colocávamos à esquerda ou à direita da sanita, para o qual não era apenas atirado papel higiénico (que nem isso era, mas sim papel de máquina de escrever, que a minha mãe trazia secretamente do trabalho e cortava cada folha em quatro partes, para que nos pudéssemos limpar depois de fazermos as necessidades), mas também resíduos de cozinha, restos de comida e qualquer outra coisa que fosse lixo. Também eu era muitas vezes cruel quando a puxava apressadamente numa direcção, estando ciente de que as nossas cabeças estavam fisicamente ligadas, que tínhamos de ter sempre o cuidado de não nos magoarmos uma à outra, sobretudo fisicamente, porque a dor nas têmporas onde as nossas cabeças estavam ligadas era insuportável quando fazíamos um movimento imprevisto. A Prata estava também ciente de que éramos duas em uma apenas fisicamente, quando de súbito lhe doía a cabeça, e não mentalmente; fazia grandes planos para a sua vida, que simplesmente não se alinhavam com os meus desejos ou as nossas possibilidades colectivas. Ela tinha a certeza de que um dia, quando fôssemos adultas e tivéssemos muito dinheiro, seríamos capazes de pagar a operação de separação de gémeos siameses. Ela acreditava tanto nisso que mesmo tendo as nossas cabeças juntas, fazia planos como se já estivéssemos separadas. Foi assim também quando estávamos a jogar a adivinhar o destino e ela disse tão calmamente quanto possível: «Já te disse cem vezes que quero viver em Londres, tu não escreveste isso aqui e olha, saiu-te a letra S, Skopje com certeza, mas eu não vou ficar aqui, custe o que custar! Em Londres separaram-nos de certeza, lá têm esse tipo de médico.» Brotaram-me lágrimas nos olhos. Com tanta força quanto me era possível

dei-lhe um beliscão no braço direito com a minha mão esquerda. Mas Prata levantou a mão esquerda por cima da cabeça dela e bateu na minha com toda a força. A mamã uma vez disse-lhe: «Assim vais furar-lhe o cérebro e aí é que vão ser elas», e o pai, como sempre, acrescentou: «glutões do diabo, engoliram o mundo inteiro». Embora tivéssemos as nossas cabeças unidas por uma veia comum onde o nosso sangue era misturado, e em momentos de agitação e noutras situações extremas na nossa vida, ambas sentíssemos o bater dos corações nas nossas têmporas, pensávamos de forma diferente, o que significava que dentro do nosso cérebro não estávamos fundidas, só não sei se essa foi uma circunstância de sorte ou azar nas nossas vidas. Era por isso que sempre que a Prata me batia na cabeça, sibilava: «Nem te atrevas a falar disto em casa!» Desta vez ela não conseguiu dizer nada porque eu rebentei em lágrimas de tal maneira que a Rosa imediatamente se dobrou e me limpou os olhos com a mão. «Deixa lá, Ouro, olha como te saíste tão bem, o teu marido será milionário e terás um filho, e com milhões certamente encontrarão um médico que separe as vossas cabeças». Estava a soluçar ajoelhada e imóvel, podia sentir que a Prata na sua mente já estava a viajar para Londres sozinha, sem mim, eu não estava em lado nenhum, sentia que não estava lá, que fisicamente não existia. «Que jogo estão a jogar?» exclamou o Bogdan nesse momento, aproximando-se de forma inaudível. Até agora tinha estado sentado um pouco afastado de nós, numa saliência de betão por cima da rampa, encostado à porta da frente do prédio, a observar-nos de debaixo das suas sobranceiras, enquanto parecia absorvido a fazer, sem lápis, palavras cruzadas, arrancadas de um jornal. «Não te metas» censurou-o a Prata, eu silenciosamente engoli o muco que se tinha juntado na minha garganta por causa das lágrimas, e a Rosa apenas encolheu os ombros. «Só pensam em se casarem, não têm nada mais inteligente para fazer?» retorquiu o Bogdan, sorrindo de surpresa. «Olha, olha, letra B, não sou eu?» Nesse preciso momento, antes mesmo de eu poder corar, um vaso de flores com um cacto caiu de uma das varandas sobre os nossos quadrados de adivinhação e despedaçou-se. Houve gritos de desaprovação e palavrões. Pedacos de vaso e cacto cobriam



os quadrados que tínhamos desenhado, só o meu era ainda visível, e eu queria casar um ano antes da Prata, com um homem cujo nome começa por B, que seria milionário e viveria em Skopje, e com quem eu teria um filho. Não podia ser o Bogdan, porque era o rapaz mais pobre que conhecíamos e eu nem o conseguia imaginar como milionário, pensava que só as raparigas pobres podiam tornar-se milionárias quando crescessem, e que os homens só podiam ser ou pobres ou ricos durante toda a vida. Virámos as cabeças para cima, onde na varanda alta do primeiro andar estava de pé Verka, uma mulher solteira que gritava com voz rouca da bebida e do tabaco: «Mataram a minha mãe! Vocês! Mais ninguém! Mas também vão morrer!» A tia Mira tentou acalmá-la da varanda superior: «Vá, Verka, não podes atirar assim vasos, vais acertar nas crianças, anda, vai para dentro», mas nesse momento o nosso pai veio à varanda de camisola interior branca e gritou: «Espera só até eu ir aí e já vais ver! Bêbeda de merda!» Depois virou-se para nós e, com o mesmo tom de voz, gritou: «Vão para o outro lado do prédio, a mãe deixou cair um pano. Vão buscá-lo.» A solteira foi para dentro, a Rosa correu para casa e a Prata e eu, aos tropeções como sempre andávamos, dirigimo-nos para as traseiras do prédio, onde reparámos num pano pendurado num dos ramos inferiores da ameixoeira que tínhamos plantado com a Rosa há dois anos, como símbolo da nossa amizade. A pequena árvore tinha crescido e já chegava à varanda do tio Sotir. Apanhámos o pano, e em vez de dar a volta ao prédio, rastejámos para dentro através da janela do rés-do-chão, cujo vidro tinha sido removido há muito tempo, provavelmente de propósito, para que os residentes não tivessem de ir à volta, porque atrás do edifício estavam sempre a preparar as rações para o inverno. Era também um atalho para as garagens, que tinham sido construídas sem licença com qualquer material que estivesse à mão, e eram a razão pela qual, das janelas, em vez de vermos os arredores verdejantes, víamos as garagens, uma feita de lonas, outra de chapa, outra de cimento e outra de galhos. O Bogdan, que nos seguiu até à janela, disse apenas: «Tchau!» e subiu a um limoeiro próximo. «Não vais para casa?» consegui ainda dizer, enquanto a Prata me puxava para treparmos

pela janela, mas ele não disse nada, não tinha nada a dizer, porque não havia ninguém que o esperasse em casa já há um ano inteiro. Todos sabíamos disso, mas desde o funeral da mãe, a que toda a turma e o professor assistiram, fingíamos que não sabíamos. O Bogdan vivia num pequeno barracão ao lado do restaurante self-service Slavija, com uma só divisão e uma casa de banho anexada atrás. A sua mãe limpava várias escadas, incluindo as do nosso prédio. Não tinha pai. Embora fosse muito pobre, estava sempre limpo, arrumado e penteado. A mãe dele era uma mulher prematuramente envelhecida e decrépita que falava apenas do Bogdan, tudo o que queria era que o Bogdan terminasse a escola e se tornasse alguém. Ele seguiu isto, tanto dentro como fora da escola; lia tudo o que lhe fosse parar às mãos e fazia muitas palavras cruzadas, puxava literalmente as mangas dos homens que liam jornais lá fora nos bancos ou varandas para que lhas dessem. Na maioria das vezes não tinha lápis, mas resolvia-as mentalmente, em total concentração, para se lembrar das soluções que já tinha encontrado. As crianças, que não sabiam onde ele vivia, nem conseguiam imaginar a sua miséria, e depois de a mãe ter sido diagnosticada com cancro da garganta, até chegou a passar fome. Ficámos a saber isto pelo seu trabalho de casa, intitulado *Quando não podia piorar*, alguns meses após a morte da mãe. Nesse dia, a professora entrou na sala de aula acompanhada pela directora, e enquanto ainda estávamos todos a tremer devido à presença dela, perguntou: «Quem não gostaria de ler o seu trabalho de casa?» A questão confundiu-nos completamente, e embora não gostássemos de ler os nossos trabalhos de casa em voz alta, ninguém se atreveu a levantar a mão. Apenas o Bogdan o fez. «Vê-se quem não quer. Mas terá de ler», disse ela, e riram-se as duas em voz alta. O Bogdan não teve escolha, levantou-se e começou a ler, com a voz a tremer: «Antes de adoecer, a minha mãe comprou-me um porco e um coelho. Pouco tempo depois, ela foi para o hospital. Eu fiquei em casa. Era inverno e não havia aquecimento, por isso vagueava pelo bairro depois da escola durante o dia e à noite cobria a cabeça com três cobertores. Todas as noites voltava ao pátio da escola e roubava flores secas em frente do monumento ao herói que dá nome à nossa escola, e dava-as

de comer ao porco. A minha mãe regressou do hospital antes do Natal. Não conseguia falar. Só conseguia deitar-se e olhar para mim, alternando o olhar entre mim, o porco e o coelho. No Natal, o nosso porco pesava vinte cinco quilos e o irmão, o porco do nosso vizinho, pesava duzentos. O vizinho abateu também o nosso porco e fez com ele três enchidos e um pequeno fiambre. Pouco depois, a minha mãe voltou para o hospital. Durante todo o inverno, até março, mordisquei um pouco de salsicha e de fiambre todos os dias. Era parcimonioso, guardava comida para o futuro. Na primavera, a última salsicha começou a ganhar bolor, mas continuei a morder pequenos pedaços, removendo o bolor e comendo assim até junho. O coelho estava a ficar cada vez mais magro. Um dia decidi esfolá-lo e trocar o pelo por pão. Ao esfolá-lo, arranquei um pedaço de carne cor-de-rosa. Estava a sangrar. O pelo não pesava mais do que cem gramas. O coelho era todo pele e osso, um esqueleto vivo. Abati-o para que não morresse à fome. Cozinhei-o e comi-o. A minha mãe chegou a casa e morreu. Eu sobrevivi. Não podia ter sido pior.» Toda a turma ficou sem palavras. Os meus olhos humedeceram-se por trás dos meus óculos. A julgar pelo aperto da pele entre as nossas cabeças, a Prata franziu o sobrolho o mais que pôde, fazia sempre isso quando tinha vontade de chorar. A professora e a directora murmuraram algo entre elas, depois a campainha tocou e saímos todos a correr da sala de aula. Os passos da Prata e os meus nunca estavam sincronizados, ou ela me puxava ou a puxava eu. Foi assim desde o início, quando estávamos a aprender a andar: ela queria andar depressa, e eu ainda gatinhava. Se a avó Stefka não tivesse sido tão paciente, podíamos nunca ter chegado a andar: ela ajoelhava-se no chão, segurando as minhas mãos à altura do corpo da Prata, que queria andar, e rastejava ao seu lado sem me largar, silenciosamente, para que a Prata não tivesse de parar de treinar o seu andar. Quando eu queria gatinhar e a Prata queria andar, a avó Stefka transformava-se num gato e encorajava a Prata a gatinhar também até ao pequeno pano preto ao lado da porta, que representava um rato. Estávamos as três a gatinhar, a Prata e eu de cabeças juntas, a avó Stefka com as suas banhas literalmente espalhadas pelo chão.

This collection has been published continuously  
since May 1963  
(between 1963 and 1990, under the title of *Le Livre Slovène*;  
since 1991, under the title of *Litteræ Slovenicæ*).

*Contact of the publisher*

Slovene Writers' Association (DSP)

Tomšičeva 12, SI-1000 Ljubljana

Phone: +386 1 251 41 44

Email: [dsp@drustvo-dsp.si](mailto:dsp@drustvo-dsp.si)

Website: <https://litteraeslovenicae.si/>



**SLOVENIAN  
BOOK  
AGENCY**

This book was published with the financial support  
of the Slovenian Book Agency.



Co-funded by the  
Creative Europe Programme  
of the European Union

This project has been funded with support  
from the European Commission.

This publication reflects the views only of the author,  
and the Commission cannot be held responsible for any use  
which may be made of the information contained therein.

Without written permission of the publisher any form  
of reproduction or other use, in full or in part,  
of this copyrighted work, including photocopying, printing,  
or storage in electronic form, is strictly prohibited.



<https://litteraeslovenicae.si/>